



O CANADÁ NO MUNDO AMERICANO

Therezinha de Castro



1. Aspecto Geoeconômico

O Canadá com seus 9.959.401 km² é o maior país da América e o segundo em extensão do mundo depois da União Soviética. Estende-se do Atlântico ao Pacífico, limitando-se com os Estados Unidos e o Alaska.

Seu território é dotado de numerosos lagos e rios numa área abrangente de 610.410 km². País que dentro da classificação de Rener tem *forma recortada*, apresenta como sua maior reentrância a Baía de Hudson, bem como numerosas ilhas ao longo de sua costa, mui especialmente no norte, onde se agrupam através de labirintos de canais, estreitos golfos e baías as *Ilhas Rainha Elizabeth*. (Mapa 1) Só esse conjunto ártico, herdado pelo Canadá graças ao *princípio da defrontação* (1907), atinge uma

área calculada em 1.295.000 km², correspondendo em extensão ao Estado do Pará (1.229.893 km²).

O norte canadense lembra o ambiente polar; durante oito meses a região permanece coberta de neve; os termômetros descem a 48^o abaixo de zero e nas máximas não ultrapassam os 26^o negativos. É pequena a densidade demográfica, povoando a região grupos esquimós vivendo da caça de animais de peles raras; de vida nômade e bastante primitiva, deslocam-se desde o Yukon na fronteira com o Alaska, até a Península do Labrador, no Atlântico. (Mapa 2)

Nos Territórios do Nordeste (formados pelos Distritos de Mackenzie e Keewatin) e do Yukon os litorais são banhados pelo Glacial Ártico; nesta vasta zona setentrional se destaca Dawson, dominando a tundra (musgos e líquens)



nos "barren lands" canadenses, o que significa terras desnudas.

Bem fria é ainda a região central, batida pelos ventos gelados oriundos do norte, canalizados pelas Montanhas Rochosas para *Alberta, Shaskatchewan e Manitoba*. A média no inverno oscila entre os 10º e 20º negativos, transformando a região no domínio da taiga, onde os bosques de coníferas tornam o

país grande produtor de madeira. Trata-se de uma das mais importantes reservas florestais do mundo, cujas árvores, caracterizadas por troncos gigantescos, apresentam, em média, 90 metros de altura por 3 metros de diâmetro. As grandes toras de madeira são transportadas pelas águas dos rios Mackenzie e Shaskatchewan, à semelhança do que se faz na Península Escandinava. Retirados das águas pelas fábricas ribeirinhas, esses troncos são transformados em pasta de papel.

Do outro lado das Rochosas, com clima mais ameno, graças à presença do Pacífico, a *Colúmbia Britânica* também se integra a esse conjunto florestal que abrange 35% da extensão total do país, produzindo 80% do papel utilizado pelos jornais do mundo.

As terras aráveis ocupam cerca de 1.300.000 km², ou seja, 3,8%



da extensão do país. Nas Províncias de Manitoba, Shaskatchewan e Alberta, o trigo, a aveia, a cevada e o centeio ocupam as plantações da planície de escassa densidade demográfica.

Nas províncias atlânticas o oceano suaviza os rigores do inverno e verão; além do fumo e milho cultivam-se aí as frutas adaptadas ao clima, entre as quais a uva, a pera, a maçã e o pêssego.

É bem rica a fauna canadense, pois além dos animais da região ártica (arminho, marta, vison, castor e urso branco), as águas lacustres e oceânicas são bastante piscosas. As trutas abundam nos lagos; o salmão vive em cardumes nas águas do Pacífico. No Atlântico, a *Ilha da Terra Nova* apresenta extensa plataforma continental, sendo também local de encontro da Corrente quente do Golfo, portadora de plancton vegetal, com a Corrente fria do Labrador, que transporta grande quantidade de plancton animal. Associados, esses fatores transformaram a Terra Nova numa das maiores zonas pesqueiras do mundo; são aí bastante numerosos os cardumes de arenque, atum, lagosta e bacalhau, podendo-se afirmar que em pouco mais de 1 milhão de toneladas de peixe apanhado pelos pesqueiros canadenses, a terça parte corresponde à atividade em torno de Terra Nova.

As pradarias ou campos naturais da faixa central canadense oferecem pastagens para o gado. Na Colúmbia Britânica estão os campos de "bunch grass" (ervas de penacho) que alimentam o gado local. Campos naturais são ainda encon-

trados em Alberta, Shaskatchewan, Manitoba, chegando à região do Hudson, onde Ontário e Quebec são também províncias pecuaristas. No entanto, a indústria da manteiga, queijo e derivados do leite é centralizada nas Províncias de Ontário e de Quebec, para melhor facilidade de escoamento.

É, porém, no reino mineral que estão os principais recursos econômicos da Canadá. Pouco mais da metade de seu território é constituído de rochas antigas, em região denominada por "escudo canadense"; região que se estende desde o norte, abrangendo os Territórios do Nordeste, até a região dos Grandes Lagos.

Na região do *Lago Grande Urso* estão as jazidas de radium, mineral de grande importância na atual era atômica. São ainda os Territórios do Nordeste produtores de 80% do níquel mundial; possuindo também o cobre e a platina, valioso metal por apresentar grande resistência ao calor e à corrosão.

As jazidas de cobre de Manitoba ultrapassam as da área do "escudo canadense", associando-se às de zinco, que atingem a Colúmbia Britânica; assim, o Canadá se destaca como o primeiro produtor mundial de zinco.

Na região de *Ontário e Quebec* estão as principais jazidas de ouro, que explotadas, dão ao Canadá posição destacada logo após a África do Sul.

No leste, a *Província de Nova Escócia*, servida pelo porto de *Halifax*, tem nas minas de Malagash os mais produtivos depósitos salinos de todo o hemisfério norte.

Tal matéria-prima é essencial na preparação de fertilizantes, no processo de refinação da gasolina de alta qualidade, como também na fabricação do caucho sintético.

Estão em *Quebec* as importantes minas de amianto ou asbesto, mineral não metálico, espécie de silicato, que pode ser tecido como o algodão, sendo de grande utilidade por ser refratário ao calor e não inflamável; depois do Zimbábwe, o Canadá é o primeiro produtor de asbesto, já tendo, em passado não muito remoto, arcado com 80% da produção mundial.

As jazidas de ferro estão concentradas na *Península do Labrador*, dando ao país o quinto lugar entre os principais produtores mundiais. As minas de carvão se estendem desde Manitoba até Alberta. Desde as jazidas de Canol no rio Mackenzie, até o Vale do Turner em Alberta, são encontrados lençóis petrolíferos.

A indústria mecanometalúrgica ocupa, ao lado da petrolífera, o primeiro plano na economia canadense; neste setor o país produz material ferroviário e máquinas agrícolas de preferência. Seguem a essa indústria as derivadas da riqueza florestal (madeira, celulose, papel); as do ramo têxtil, trabalhando principalmente com a lã de carneiro e fibras artificiais; a automobilística localizada principalmente em Toronto.

De um modo geral, a faixa centro-sudeste canadense é a mais privilegiada do país. O paralelo de 50°, que passa por Winnipeg, delimita ao norte as regiões demasiadamente frias para o desenvolvi-

mento de populações numerosas. A população canadense estimada em 1979 era de 23.671.500 habitantes; apresentando um índice demográfico de 2,3 habitantes/km², considerado bem baixo, em população urbana de 76%. População urbana distribuída segundo o quadro abaixo:

Cidade	Habitantes
Toronto	2.856.500
Montreal	2.823.000
Vancouver	1.173.300
Otawa	726.400
Winnipeg	589.100
Edmonton	581.400
Quebec	554.500
Hamilton	536.300
Calgary	504.900

Pelo quadro acima observa-se que cerca de 75% do efetivo populacional canadense vive na região fronteiriça aos Estados Unidos, mui especialmente na região dos Grandes Lagos e S. Lourenço. População canadense que apresenta em sua composição 44,6% de pessoas de ascendência inglesa, 28,7% de origem francesa, 6,1% de descendentes de alemães, 2,7% de ucranianos, 2% de holandeses; além de minorias de outras nacionalidades, inclusive de portugueses, habitam o país 200 mil índios pele-velhas e 12 mil esquimós.

Conclui-se, então, que o duplo núcleo geohistórico do Canadá, refletindo a luta entre ingleses e franceses do passado, origem do *apartheidismo atual*, engloba a área dos Grandes Lagos e S. Lourenço, que

se destaca ainda hoje como o ecúmeno estatal do país. (Mapa 3).

Os Grandes Lagos, divididos entre os Estados Unidos e o Canadá, ocupam uma área conjunta de 1.466.000 km², pouco menor que a do Amazonas, o maior Estado brasileiro (1.564.445 km²); constituem-se num verdadeiro "mediterrâneo" de água doce e, sendo zona importante, tanto para a economia canadense quanto para a estadunidense, possuem excelentes instalações portuárias. O rio S. Lourenço* através de 3.800 km de curso é perfeitamente navegável, exceto no período dezembro-abril, quando se congela; liga a grande área lacustre ao oceano Atlântico. Graças à importância política da região, encontra-se aí *Otawa*, a capital do país, originária de uma aldeia de lenhadores (Bytown), hoje tanto de origem inglesa, como nasceu, quanto francesa. Já *Quebec*, o último porto no S. Lourenço, evoca a colonização francesa, mantendo não só a cultura como o traçado das cidades da Bretanha.

2. FORMAÇÃO HISTÓRICA

Coube a *Giovani Verrazano*, navegador florentino a serviço de Francisco I, da França, tomar posse da embocadura do S. Lourenço (1529). Pouco depois, *Jacques Cartier* (1534) subia o mesmo rio, dando à região o nome de *Nova França*. No entanto, a colonização francesa só teria início efetivamente em 1608, quando *Samuel Champlain* fundou Quebec com o auxílio dos colonos normandos e do Poitou.

O *Canadá Francês* ou *Baixo Canadá* ocupava os territórios das atuais Províncias de Quebec e Ontário, no momento em que as 13 Colônias Inglesas, núcleo geohistórico dos Estados Unidos, abrangiam área bem maior (século XVIII).

Vizinhos na América, a rivalidade anglo-francesa transferir-se-ia do Velho para o Novo Mundo. E,



* Os 3.165 km de curso do rio Amazonas em território brasileiro são navegáveis.

nessas condições, duas guerras de sucessão na Europa refletir-se-iam na América do Norte. Pelo *Tratado de Utrecht* (1713) que pôs fim à Guerra de Sucessão na Espanha, os franceses perderam para os ingleses a Ilha da Terra Nova e a Acádia, que formam hoje as Províncias do Novo Brunswick e Nova Escócia. A Guerra dos Sete Anos, provocada pela questão sucessória na Áustria, pôs na América, frente a frente, os Exércitos francês, de *Montcalm*, e inglês, de *Wolfe*, que tomou Quebec (1759) e Montreal (1760). Finda a guerra, era assinado o *Tratado de Paris* (1763), denominado de "a paz vergonhosa" pelos franceses, já que estes tiveram de entregar todo o seu território canadense.

Alguns anos mais tarde revoltaram-se as 13 Colônias Inglesas (origem dos Estados Unidos), que declaravam a sua independência (1776) auxiliadas pela França, que procurou, deste modo, vingar-se da perda do Canadá. Assinado o Tratado de Paris (1783), que reconhecia a independência dos Estados Unidos, os ingleses procuraram tratar de forma mais conciliatória seus territórios canadenses. Por isso, em 1791, a Inglaterra, que já havia permitido aos colonos franceses locais o uso livre da sua língua e religião, dividia o território que lhe restava na América do Norte em *Alto Canadá*, povoado por maioria inglesa, e *Baixo Canadá*, ocupado pelos franceses; o rio Otawa separava as duas regiões. (Mapa 3). Implantado o *apartheismo*, era concedido governo representativo (assembleia de eleição

popular) às duas regiões, muito embora com os respectivos governadores locais nomeados pela Inglaterra.

Não satisfeitos, os colonos franceses do Baixo Canadá revoltaram-se em Montreal e, dirigidos pela associação denominada "Filhos da Liberdade", à semelhança do que se passara nos Estados Unidos, exigem a sua *separação da Inglaterra*. Vencendo o levante (1838) a metrópole permitia que todas as Províncias Canadenses estabelecessem seu governo próprio (1840).

Entretantes, os colonos ingleses, à semelhança do que se fazia nos Estados Unidos, partiam também para a *conquista do oeste*, atingindo as costas do Pacífico; definiam, finalmente, através de uma linha artificial, seus limites com os Estados Unidos. (Mapa 2).

Observando que alguns colonos franco-canadenses imigrados para os Estados Unidos, agitando o ideal separatista, ameaçavam a boa administração desse vasto território inglês na América, tratou a Inglaterra de *unificar o Alto e o Baixo Canadá*; passavam a ter uma única assembleia e um único governador. Em seguida era posta em vigor pelo Parlamento Inglês, a "*Ata da América Britânica do Norte*" (1º de julho de 1867), que transformava todo o território numa confederação sob o nome de *Domínio do Canadá*.

A referida Ata era, na realidade, a Constituição escrita do Canadá, similar à da Inglaterra, transformando a antiga colônia numa confederação dentro da Comunidade Britânica. O Poder Executivo pas-

sou a ser exercido teoricamente pelo Soberano Inglês, representado pelo Governador Geral; este indicado pelo monarca inglês, após ser proposto pelo Primeiro-Ministro canadense. Esse Primeiro-Ministro é, na realidade, o Chefe do Gabinete ou Conselho de Ministros, espécie de comitê executivo do Parlamento.

Pela Ata, o Parlamento, exercendo o Poder Legislativo, era formado pelo Senado e Câmara dos Comuns. À semelhança do que se passava no Brasil-Império, os senadores canadenses eram vitalícios e nomeados pelo Governador Geral; enquanto os deputados da Câmara dos Comuns eram eleitos proporcionalmente por Província, de acordo com o efetivo populacional, pelo voto popular direto, exercendo suas funções durante cinco anos.

A posição central e autônoma do Canadá dentro da Comunidade Britânica só seria determinada pela Conferência Imperial de Londres, em 1926.

Após a Segunda Guerra Mundial se desfaz praticamente o sistema colonial dentro do Império Britânico, continuando, entretanto, a maior parte dos territórios colonizados pelos ingleses a fazer parte da Comunidade ou Commonwealth, que se traduz literalmente por riqueza comum. E, segundo o Estatuto de Westminster, aprovado a 11 de dezembro de 1931 pelo Parlamento Inglês, e que constitui a base legal da Comunidade, a "Coroa é o símbolo da livre associação dos membros". Esse Estatuto limitou-se a confirmar o novo status

independente para os Domínios Britânicos entre os quais o Canadá; enquanto a "Ata da América Britânica do Norte", continuando válida, manteve o Canadá até 1982 sem uma Constituição própria, elaborada no próprio país.

3. PROBLEMAS POLÍTICOS

O apartheidismo canadense foi levado em conta pela "Ata da América Britânica do Norte", distinguindo Quebec das demais Províncias, quer pelo idioma, quer pelas origens étnicas ou espírito francês. No entanto, o desejo separatista da Província de Quebec, que já vinha de longa data, torna-se já mais crônico a partir de 1965, quando a "União Nacional" preparou sua célebre petição, dois anos depois publicada pelo jornal "L'Action". Os separatistas animaram-se ainda mais com a visita que De Gaulle fez ao Canadá, em julho de 1967, quando o referido Presidente francês deu vivas a Quebec livre.

As exigências de Quebec pregavam então a atenuação do poder central em benefício dessa Província, que deveria ser consultada nos assuntos que lhe dissessem respeito, especialmente no setor fiscal e econômico. Procurava, por outro lado, adquirir certa personalidade internacional, subtraindo ao poder central determinados assuntos que interessassem mais de perto a Província; como, por exemplo, o tratado cultural com a França, sonhado por Quebec para fugir à alçada de Otawa. Em face do apartheidismo canadense, o objetivo de De Gaulle, de apoio ao separatismo de

Quebec, obedecia ao seguinte princípio: criado um Estado soberano nesta Província, seriam logo organizadas as bases da "solidariedade da Comunidade Francesa de ambos os lados do Atlântico".

No entanto, o movimento separatista de Quebec não se apresentava unido, já que havia vários partidos a lutar pelo princípio. Além da "união Nacional", agiam também o "Agrupamento Pró-Independência Nacional" e o "Reunião Nacional"; egresso do Partido Liberal, René Levesque conseguiu unir alguns desses grupos políticos. Líder do Partido Liberal, Pierre Elliot Trudeau, também canadense francês, foi quem esteve no poder mais tempo do que qualquer dos principais líderes do mundo ocidental. Eleito em 1968, conseguiu, no ano seguinte, que fosse aprovado o "Official Language Act", tornando o francês língua oficial ao lado do inglês; muito embora não tenha conseguido solucionar a questão apartheista de Quebec, esse Ato representou um considerável reforço das bases políticas do país.

Derrotado em maio de 1979 pelo Conservador Joe Clark, esteve longe do poder por pouco tempo, visto que no final do ano, um voto de desconfiança, por causa do aumento de impostos, ao Primeiro-Ministro eleito, levava à convocação de eleições antecipadas. Contribuiria ainda para a crise o fato de Clark haver declarado que lutaria para manter Quebec como parte integrante da nação; na oposição Trudeau afirmava ser a independência de Quebec "um crime

contra a História canadense"; enquanto René Levesque, já feito chefe do Partido Quebequense, mostrava-se certo de que em breve surgiria uma outra nação sobre o mapa político do mundo.

Embora os canadenses de língua inglesa sejam os responsáveis pela maioria dos votos, prevaleceu o consenso de que as tensões no país, simbolizadas pelo apartheismo de Quebec, iriam se exacerbar se os Conservadores não pudessem contar com qualquer apoio dos "francos", como são chamados os canadenses de língua francesa. O voto de desconfiança em Clark mostrava, pois, que só com Trudeau, de origem francesa, o Canadá poderia manter a sua unidade; unidade que perigava com o líder dos Conservadores, considerado um "peso-leve" em questões políticas.

No poder, em 1980, Trudeau pôde assistir ao plebiscito sobre a independência de Quebec no qual 59,5% votaram a favor de permanecerem integrados ao Canadá. Falharia o ideal de Levesque, que em seu livro *Mon Quebec* expõe seus principais pontos caso saísse vitoriosa a tese separatista. Segundo Levesque, Quebec participaria, juntamente com o Canadá e os Estados Unidos, da Comissão Conjunta Internacional da Via Marítima do S. Lourenço, a importante artéria de acesso marítimo à área industrial dos Grandes Lagos; comprometer-se-ia a integrar a OTAN, bem como o sistema de defesa aérea da América do Norte ou NORAD, atualmente formado pelos Estados Unidos e Canadá; enquanto a utilização da mesma

moeda complementar a associação.

Atribui-se em grande parte, a derrota de Levesque, à habilidade de Trudeau, que foi várias vezes a Quebec, Província da qual é também originário, a fim de apoiar o "movimento pelo não", plataforma do Partido Liberal de *Claude Ryan*; como ainda por prometer iniciar reformas constitucionais logo após o referendo.

Por outro lado, Quebec se recusou a subscrever a idéia de uma Constituição caso não constasse no preâmbulo que o país além de reconhecer o direito da autodeterminação, iria se constituir de uma sociedade distinta. E, em se tratando desse mesmo problema, das dez Províncias que compõem o Canadá, incluindo-se Quebec, apenas duas delas, Ontário e Novo Brunswick, acataram o "pacote" de Trudeau, que procurava dar ao país uma *Constituição nacional*.

Em 1980, vendo que fracassara o seu encontro com os "Premiers" das Províncias canadenses, Trudeau decidiu entregar o assunto ao Parlamento Federal de Ottawa. Na ocasião, seis Províncias desafiaram a legalidade do processo parlamentar, e três delas, Quebec, Manitoba e Terra Nova, levaram a questão aos Tribunais. A 28 de setembro de 1980 a Corte Suprema do Canadá decidia por 7 votos contra 2 que o "pacote" constitucional era, na prática, legal; em contrapartida, porém, votou por 6 a 3 que esse mesmo "pacote" era inconstitucional por violar a tradição, ou seja, por não possuir uma maioria

que justificasse plenamente a mudança da tradição.

O que as Províncias desejavam, na realidade, era manter o todo custo suas *respectivas autonomias*, daí haver declarado o Premier de Novo Brunswick, Richard Hatfield, em apoio a Trudeau, que: "a batalha da Constituição é uma batalha das Províncias para enfraquecer o Governo Central".

Embora a cidadania canadense se tenha tornado distinta da inglesa a partir de 1947, o "pacote" constitucional de Trudeau enviado ao Parlamento Britânico, ante a resistência das Províncias, solicitava a "patriação" da Constituição para que o Canadá pudesse finalmente ter o direito de emendas a sua Constituição sem o prévio pedido de licença; muito embora esse pedido de licença tenha sido sempre mera formalidade, visto ter sido sempre concedido.

Em suma, o "pacote" constitucional de Trudeau se resumia no seguinte:

- *substituir o Senado* (não eleito e sim nomeado vitaliciamente pelo Governo) por uma Câmara da Federação indicada meio a meio pelo Governo Federal e pelas Províncias com base nas formações partidárias;

- *definir a composição e a nomeação da Corte Suprema* (papel regulado por lei ordinária) com os seus membros aumentados de 9 para 11, dando assim maior oportunidade de expressão às Províncias do Leste e do Oeste pouco representadas;

- *outorgar uma Carta de Direitos* com "novas garantias linguísti-

cas", destinando-se a solidificar a política oficial do bilinguismo — inglês-francês;

• *definir os princípios do Poder Executivo Federal* e suas instituições, ou seja, redefinir o federalismo entre o Governo Central e as Províncias, visto que em estudo feito em Quebec em 1978, mostrou-se que 197 programas federais e provinciais entravam em contradição.

Finalmente, a 17 de abril de 1982, Elizabeth II proclamava a *nova Constituição do Canadá*, rompendo os últimos laços de dependência para com a Inglaterra. O documento foi assinado diante de umas 100 mil pessoas reunidas nos gramados do Morro do Parlamento, em Ottawa. Manifestando sua confiança no Canadá, Elizabeth II lamentou a ausência do Premier René Levesque, acreditando que os canadenses de língua inglesa e francesa acabarão por "superar as suas divergências e rivalidades".

No momento em que o Ato Constitucional era assinado, membros apartheistas empunhavam cartazes com a "flor-de-lis", símbolo da monarquia francesa. Os adeptos de Levesque não aceitam a nova Constituição porque esta não reconhece a existência de "duas sociedades distintas", a francesa e a inglesa, e não concede a Quebec o poder de decisão sobre questões linguísticas educacionais*.

* A Lei 101, que tornou o francês a língua oficial da Província de Quebec, determinava que todos, à exceção da minoria inglesa, daí incluir outras minorias, deviam ser educados em francês. Criou-se então uma Associação

Em resumo, *tal qual o apartheismo sul-africano* entre descendentes de holandeses e de ingleses, além do fenômeno quebequense, outras minorias do oeste de origem ucraniana, alemã ou de confissão menonita, defendem abertamente o direito de se reconhecerem primeiramente em sua identidade étnica e religiosa e, só depois, em sua cidadania canadense. Se tal fosse permitido, à semelhança do que ocorre na África do Sul, o *Canadá passaria a ter também os seus "batustans"*.

P. de Azcárate com experiência prática na investigação de problemas de minorias, conclui em seu trabalho "League of Nations and National Minorities" que: "A crise da fórmula clássica de que toda nação é um Estado e todo Estado é uma nação é agora perceptível... Nenhum traçado de fronteiras poderia eliminar a existência de monirias nacionais", supondo-se, por isso, que o Canadá continuará a enfrentar o apartheismo, palavra sul-africana, cuja definição completa vem a ser *desenvolvimento em separado*.

Francesa de Terminologia e um Gabinete de Língua Francesa com a finalidade de vigiar a aplicação da lei em todos os setores e de todas as maneiras nos documentos oficiais quebequenses, na indústria, no comércio, nas atividades bancárias, nos cartazes de rua, nos sinais de trânsito etc. O bilinguismo se tornou assunto tão polêmico no Canadá que impossibilitou se chegar a uma conclusão sobre seus malefícios ou benefícios. O fato é que os quebequenses se sentem ameaçados cultural e economicamente pela maioria inglesa, resultando disso a tensão e a disposição de luta; luta contra o "terrorismo cultural e econômico" do Governo Federal.

4. CONCLUSÃO

Além do estudo sistemático e *resolução dos particularismos nacionais*, o Canadá procura não aceitar grandes alterações no equilíbrio de poderes, pois isto só induziria o país ao esfacelamento.

No âmbito das Relações Internacionais o governo de Otawa se opõe frontalmente à política de "amortizar o Canadá", termo usado pelos que batalham em prol da expropriação das grandes empresas estadunidenses no país.

Peça importante na OTAN, o Canadá procura mostrar que sua área de interesse e defesa deve ser somente o continente norte-americano, tendo em vista a sua categoria estritamente regional. Tal política indica que o Canadá se prepara para uma possível admissão na OEA, sobretudo quando estiver com voz mais independente das estadunidenses.

Empresas estadunidenses controlam 65% das atividades canadenses de mineração e de refinação; e sendo, entre as nações desenvolvidas, a mais ocupada por capitais estrangeiros, faz o que pode para buscar alianças que fortaleçam sua posição perante os Estados Unidos. Com os Estados Unidos o Canadá tem cerca de 7.000 km de fronteiras sem defesas do Atlântico ao Pacífico; daí, sem se afastar de Washington, buscar a diversificação de sua política externa com o Mercado Comum Europeu, com o Japão e com a América do Sul. Independente em abril de 1982, com sua Constituição própria, o Canadá, para contraba-

lançar a influência dos Estados Unidos no mundo americano, procura, numa terceira opção, *um novo alinhamento com o México e Venezuela (enfeixando o Caribe) e com o Brasil por sua presença e posicionamento na América do Sul.*

Só há quarenta anos é que se estabeleceram relações diplomáticas entre o Brasil e o Canadá, muito embora apenas nos dois últimos anos é que se tenha começado a se formar a consciência de um sólido alinhamento. Assim, em 1980, parlamentares canadenses visitaram o Brasil e o nosso Chanceler Saraiva Guerreiro esteve no Canadá; em fevereiro de 1981 Pierre Trudeau veio ao Brasil, onde, além das relações bilaterais, discutiu com o nosso Governo sobre o diálogo norte-sul; em julho de 1982 o Presidente Figueiredo retribuiu a visita.

No entanto, a *balança comercial Brasil-Canadá* pende muito mais para o país norte-americano. Em 1980 o Brasil comprou 893 milhões de dólares canadenses e exportou para o Canadá 347 milhões de dólares canadenses; devendo-se às importações de trigo tal desequilíbrio. Embora o trigo continue a ser o principal produto de importação brasileira, de janeiro a julho de 1981 a balança ainda pendeu para o Canadá (333 milhões de dólares canadenses contra 198 milhões de dólares canadenses de exportações brasileiras).

Importamos do Canadá, além do trigo, também potassa, papel de imprensa, carvão, alumínio, cobre, blocos de zinco, polietileno e

partes de motores para veículos; exporta o Brasil, café, cacau, baunilha, carne enlatada e suco concentrado de laranja.

Em conseqüência do Acordo de Cooperação Técnica (1975), o Brasil e o Canadá desenvolvem projeto de pesquisa sobre o trigo em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul; o Brasil obtém novas espécies de trigo e o Canadá a possibilidade de pesquisar a obtenção de duas safras anuais.

A par da riqueza mineral, apesar de país industrializados, o Canadá se identifica muito com o Terceiro Mundo por ser, antes de tudo, grande exportador de matérias primas. Por outro lado, o problema político canadense não se limita apenas ao dualismo franco-inglês; consiste, sobretudo, na realidade que distingue os dois Canadás: um rico e outro pobre, um desenvolvido (ecúmeno estatal) que se defronta com os Estados Unidos e um subdesenvolvido (zona geopolítica neutra) que se encontra voltado para o Ártico.

Em nosso caso, podemos dizer, num confronto, que, entre os países em desenvolvimento, o Brasil é o que mais se aproxima do Canadá e este entre os países desenvolvidos, é o que está mais próximo do Brasil. Justifica-se o fato se observarmos que o PIB brasileiro está imediatamente abaixo do PIB canadense. No entanto, o relacionamento Brasil-Canadá está longe de ser importante dentro de nossas diretrizes; isto porque, embora o Canadá se classifique como o 7º investidor no Brasil, a bitributação

torna o nosso comércio deficitário com esse país.

No contexto geral podemos concluir que o Canadá, com a maior parte de seu território localizada dentro de latitudes demasiadamente frias, oferece poucas possibilidades para o desenvolvimento de uma população numerosa dentro de seus limites. Embora localizado no hemisfério norte da Terra, não se inclui na chamada "Faixa Privilegiada" (Best Belt) muito embora:

- com o advento do Poder Aéreo as terras frias polares do Canadá tenham adquirido novo sentido geoestratégico;

- em função de sua particular latitude possua numerosos recursos, colocando-o em posição de importância na economia mundial, e, conseqüentemente, no grupo dos países ricos que contrasta com os do Terceiro Mundo;

e, como parte integrante da Comunidade Britânica, que pelo posicionamento do antigo Império Colonial, formou uma espécie de zona quebrada em torno do Velho Mundo, (Mapa 4) o Canadá ocupa uma posição cêntrica na distribui-



MAPA 4

ção das nações de "culturas europeia", estendendo-se da Sibéria à Austrália, dominando, no continente, o Ártico, e participando

tanto do Pacífico como do Atlântico, onde integra a OTAN; muito embora, parte importante do mundo americano, não integra a OEA.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História de Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".